

RECONSTRUÇÕES

Este número reúne ensaios que se comprometem a refletir sobre o tema das reconstruções. Ainda lidando com os impactos da Pandemia da Covid 19, a instabilidade que a fome vem provocando na população brasileira, assujeitados ao protagonismo das tecnologias na vida cotidiana, a formulação de Lévi-Strauss, também cantada por Caetano Veloso, “*Aqui tudo parece/ que era ainda construção /e já é ruína*” foi um início convidativo para refletirmos acerca das fraturas do projeto modernizador que caracteriza em particular o Brasil, e nos perguntar em que medida é possível reconstruir algo sobre bases que nunca foram coesamente tecidas. Nesse cenário, como comemorar o centenário da Semana de Arte Moderna e o seu desejo de nação, e também rever e revisar a importância de uma releitura dos 200 anos de Independência do Brasil ou os 300 anos de Minas Gerais?

Sabe-se que são muitos os gestos e os movimentos envolvidos nas reconstruções. Logo de início importa pôr em relevo o lugar do prefixo *re*, cuja etimologia em latim, *restituere*, já denota a ideia de uma ação repetida, de reparação e de restauro. Mas o que o termo, que literalmente significa construir de novo, é capaz de convocar ao pensamento na contemporaneidade? Este presente número da Revista UFMG tem como objetivo explorar, ampliar, constituir, modificar a ideia de recomeço e de retomada e convidar, de forma transdisciplinar, que áreas de conhecimento diversas operacionalizem a potencialidade desse verbo transitivo que coloca em questão não só a importância do objeto, como também a relação entre objetos, ou seja, o como reconstruir.

Outro potente campo reflexivo para entender o termo reconstrução encontra-se na tradução: a passagem de uma língua para outra significa o conhecimento de uma memória linguística e cultural ampla, mas também a capacidade de renovar uma frase assumindo a responsabilidade – e o risco – da reformulação na língua de chegada. A tradução é sempre um ato de ética, neste caso linguística, tal como a reconstrução é também, sempre, um ato de ética temporal com os tempos imbricados.

Assim, a reconstrução é uma oportunidade de inovação. O mesmo significado pode ser produzido de modos diferentes, por uma diversidade de combinações dos elementos constitutivos, mas que garanta – é este é o desafio – a produção e a tutela do mesmo sentido.

A reconstrução pressupõe sempre um posicionamento ético em relação ao tempo e deve ser pensada a partir do duplo movimento de desconstrução e reconstrução do objeto que a *práxis* da tradução exemplifica. Uma metáfora poderosa que se pode estender a todas as áreas de conhecimento que nesta fase estão empenhadas em reconstruir uma vida que se dilacerou, vidas machucadas.

Como abertura deste número, disponibilizamos a obra do artista Pedro Motta que, gentilmente, nos concedeu um acervo múltiplo e denso de suas mais recentes mostras. Trata-se de um trabalho que dialoga intensamente com as reflexões aqui reunidas e capaz de pensar Minas e o Mundo. Indaga, entre outras tantas questões, como a geoeconomia, a tecnociência dilapidaram as paisagens naturais, e o lugar da cultura (e de nós, viventes) dentro deste processo avassalador.

Após a leitura dessas imagens, passamos para a leitura dos textos, divididos em quatro blocos: recomenços; retomadas; retraduições e reparos.

O primeiro ensaio, “**Reconversão de paisagens minerárias**” reflete acerca da produção minerária no estado de Minas Gerais e toma como espécie de exemplo o cenário pós industrial na região da Bacia Minerária de Nord-Pas de Calais que teve sua economia e produção do seu espaço, fundada sobre o pilar de mono-atividade baseado na indústria minerária e como o governo francês foi obrigado a construir ferramentas de reconquista cultural para incitar os ânimos e trilhar seu caminho na busca pelo redesenvolvimento dessa região, bem como a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

Comparativamente, recupera como a população de Minas Gerais foi assolada por duas grandes tragédias ambientais subsequentes em um período de quatro anos: rompimento da barragem de Fundão ocorrido em Mariana, seguido pelo rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão em Brumadinho, configurou um dos maiores desastres ambientais brasileiros e mundiais. Demonstra como é tarefa urgente das mineradoras, do governo, dos estados, dos municípios e da sociedade brasileira repensar e readequar a mineração em moldes sustentáveis e de excelência.

O artigo a seguir, intitulado “**Cronicidade dos processos de reconstrução e recuperação em desastres: as histórias que nem todos avós poderão contar**”, tem como objetivo analisar as especificidades dos idosos nos processos de reconstrução e recuperação em desastres. As histórias sobre reconstrução e recuperação em desastres podem ser preenchidas por essas narrativas dos meios de comunicação da grande mídia, pela história

oral dos sobreviventes que, por vezes, também criam mecanismos para registrar por escrito seus testemunhos quando seu drama não é mais utilizado como mercadoria na grande mídia.

Conclui apontando como os estudos aprofundados e interdisciplinares sobre a afetação e recuperação nos desastres, auxilia para formação de uma visão mais ampliada das intersecções interinstitucionais e de saber que podem ser de grande valia para aumentar a resiliência social e ofertar melhores condições de resposta nas fases de reparação e reconstrução em contextos de desastres

“Declaração da Conferência de Estocolmo sobre Meio Ambiente Humano, meio século depois: entre o sonho e a realidade” propõe examinar os princípios da Declaração à luz da realidade brasileira e mais especificamente da Amazônia, uma região emblemática do esforço mundial em compatibilizar progresso com preservação da biodiversidade e dos ecossistemas. A Declaração de Estocolmo representa não somente um marco no processo de proteção da biodiversidade e dos ecossistemas, mas também no gerenciamento dos recursos naturais e na jurisprudência que trata das questões ambientais.

Argumenta-se que os atuais problemas ambientais e sociais enfrentados pela humanidade são enormes e talvez ainda maiores são os desafios que se apresentam para um futuro não muito distante, sobretudo impostos pela poluição, consumismo exagerado, exaustão dos recursos naturais, aumento populacional e concentração da riqueza. No entanto, há que se considerar também a imensa capacidade humana de criar, recriar, transformar e tomar novos rumos. Assim, é preciso manter a coragem e a esperança, revigorar os ânimos e tocar em frente com otimismo. Nesse contexto, vale lembrar a lição de Edward Wilson, renomado biólogo da conservação, criador do termo biodiversidade e falecido no final de 2021, aos 92 anos: - Já que dependemos de uma abundância de ecossistemas funcionais para purificar nossa água, enriquecer nosso solo e fabricar o próprio ar que respiramos, a biodiversidade claramente não é uma herança a ser descartada descuidadamente.

O segundo bloco abre com o ensaio teórico da ensaísta portuguesa Silvina Rodrigues Lopes. Em **Confiança, destinação e ausência de destino** problematiza-se como a questão da reconstrução se confronta, simultaneamente, com o poder tecnocientífico enquanto esmagador da emergência de potencialidades éticas e poéticas e com as pre-

tensões de soberania absoluta, de cujo combate contra a incerteza decorrem práticas sociais e políticas identitárias igualmente voltadas para o controle e exclusão.

Quando se diz que é preciso reconstruir entende-se que alguma coisa, natural, fabricada ou espiritual, foi destruída e que, dado o seu valor, deve voltar a ser construída.

No entanto, o problema da reconstrução, renovação ou restituição está fora das competências tecno-científicas; relaciona-se, no entanto, com estas, com os problemas decorrentes dos malefícios dos seus usos, insistindo na reflexão sobre hipóteses que contrariem a tendência para o seu domínio absoluto da socialidade e da natureza. O haver sentido, essencial à alegria do mundo, afirma-se no movimento do dirigir-se ao outro que se coloca para além da sua finitude no cuidado que presta e recebe, na afirmação, ética, da humanidade do homem. Indefinível, essa humanidade não é compatível com uma condenação a ser-para-a-morte, pois a disponibilidade para os outros, a quem se ama e se socorre, com quem se aprende e a quem se ensina, deixa marcas que ficam para além do tempo de vida. Por haver sentido, cada um é outro, tornando-se infinito, não identificável, eterna repetição do diferente na palavra “eis-me” que, com Lévinas, se entende ser abertura da significância, do gesto ético. A aposta deste não é num futuro previsível nem numa salvação final, é sim a de salvaguarda do inacabado, enquanto abandono da posição de sujeito e restituição ao drama em que a fidelidade aos outros e ao que deles vem insiste através do que se altera – expressão de gratidão e partilha

Aproximando-se da literatura, da arte e da música, o trabalho “**Destino mineral — a montanha e sua ausência em Drummond, Manfredo Souzanetto e Villa-Lobos**” propõe-se observar como a montanha (enquanto espaço físico ou simbólico), assim como sua ausência, orientam a criação artística e determinam a percepção de um eu no mundo. Para além de Drummond, selecionamos outras obras que abordam elementos minerais — como a Sinfonia No. 6, de Villa-Lobos e o postal *O lugar da ausência*, de Souzanetto

No período romântico, o protagonismo da montanha nas artes, dado que os entes geológicos são percebidos, também, enquanto sujeitos. No século XX, contudo, no período do Antropoceno — quando Drummond, Villa-Lobos e Souzanetto compõem —, há o protagonismo da ação humana, que transforma a montanha e faz dela o que bem entender (inclusive, transforma-a em ausência). É **inegável que a mineração produz o nada**, mas, indaga-se: diante da presença da ausência, como estabelecer uma nova relação identitária com um espaço esburacado e triste?

No terceiro bloco temos abordado a questão das migrações e seus recomeços (e traduções).

Arroz, feijão e macarrão: entrelaçamentos e reconstruções da cultura alimentar de imigrantes italianos em São João del-Rei parte dos relatos orais de integrantes de seis famílias de imigrantes italianos em São João del-Rei, Minas Gerais – Longatti, Giarola, Lovatto, Tortoriello, Lombardi e Spinelli –, procuramos estabelecer relações entre lembranças, reconstruções, transferências culturais e alimentação. Desde que os imigrantes italianos chegaram ao Brasil, as práticas alimentares têm sido o laço mais forte que eles mantêm com a cultura do país de origem.

Sabe-se que a alimentação é uma forma de marcar identidades, afirmar pertencimento, cultivar tradições. Os preparos alimentares são transmitidos ao longo das gerações – trata-se de conhecimentos dinâmicos e introduzidos no novo habitat. Diante do passado fragmentado, quase apagado, revisitado pela memória, pós-memória e imaginação dos participantes da pesquisa, refletimos sobre o movimento de reconstrução e reorganização das mais de 400 famílias que fazem parte da lista de moradores de São João del-Rei. Se à princípio estavam situados em entre-lugares, “em uma terceira margem”, como relatou Mauro Lovatto (2020), nos tempos atuais, encontram-se adaptados à cultura do país e da cidade que os receberam.

A seguir, em **Acumulações, desposseções e a terra como comum: reconstruções decoloniais para a Terra Brasilis**, aborda-se os cercamentos, as desposseções e a concentração fundiária no Brasil. Essas reconstruções, apresentadas como um outro modo de fazer pesquisa, partem do reconhecimento da história como ferramenta útil para compreensão das relações sociais e assumem a relevância de recontá-la a partir de múltiplas vozes e culturas, abrindo espaço para o fazer e o pensar dos sujeitos historicamente silenciados. As características que marcaram a acumulação primitiva continuam presentes nas relações de colonialidade do capitalismo contemporâneo.

O último bloco, abriga dois trabalhos mais relacionados ao campo arquitetônico. O primeiro, **A Arquitetura e a premente (re) construção do seu ethos técnico-profissional** se pergunta como pensar a técnica em seu sentido clássico, de produzir pelo conhecer e revelar, em uma conjuntura na qual o conhecimento humano se expande e se aprofunda em proporções incomensuráveis, de modo que um único indivíduo é humanamente incapaz de dominar tantos ou mais saberes do que queriam Vitruvius e Alberti. Discute, entre outros pontos, a situação da Arquitetura enquanto campo de conhecimento e suas relações com a Construção. A hipótese é de que uma prática disciplinar da Arquitetura, que se reconhece

como algo distinto da Construção, tem sido responsável pelo seu esvaziamento. O tema é discutido à luz da questão da técnica no pensamento de Martin Heidegger, para quem técnica e conhecimento estão intrinsecamente relacionados.

Conclui levantando a hipótese de haver, entretanto, a oportunidade para a construção de uma nova epistemologia fundada na formação de um novo ethos, não fraturado, mas integrador: um ethos construtor. Ainda, tal integração carrega um sentido de colaboração e postura crítica diante das hierarquias de valor estabelecidas arbitrariamente entre os ramos de conhecimento engajados na produção da arquitetura. Esse caminho parece passar pela busca de uma síntese epistemológica por meio do produzir, com a superação dos abismos cognitivos que apartam ideia e matéria.

O último ensaio, **Plástica e urbanidade: a metrópole europeia e o princípio da montagem** analisa a relação epistemológica entre a arquitetura da metrópole europeia, surgida na passagem do século XIX para o XX, e as artes do mesmo período a partir do conceito benjaminiano de “montagem”. Essa análise visa elencar e relacionar elementos presentes nas mais variadas artes com processos ocorridos nas urbanizações de Paris e Berlim, tentando entender a influência mútua do urbanismo moderno nas artes concomitantes. A partir desse entendimento, pretendemos esboçar as mudanças sofridas pela ideia de “plástica”, nas artes, enquanto princípio de transformação da matéria inerte em produtora de sentido, ou seja, enquanto condição da representação nas artes visuais.

Demonstra como a montagem nos aponta as heterogeneidades do tempo e do espaço, especialmente visíveis na espessura histórica do meio urbano, em constante diálogo consigo mesmo e com espaços outros. Seguindo este trilha, a metrópole se fez o experimento que mais fortemente concorre para a espacialização do tempo. Inspirada por tal entrecruzamento, a montagem foi feita a criatura sensível por excelência para um panteão de berço moderno. O princípio que a arte da primeira metade do século XX coloca a trabalhar, é o mesmo que a arquitetura colocava anteriormente.

Esperamos, assim, que o conjunto de articulações teóricas, reflexivas e artísticas aqui reunidas sejam capazes de expressar, com proposições diversas, novas perspectivas sobre as reconstruções, refletindo e elaborando, também, sobre a possibilidade da construção de um tempo por vir.

Sabrina Sedlmayer (UFMG)

Roberto Vecchi (Unibo)

RECONSTRUCTIONS

This issue brings together essays that are committed to reflecting on the theme of reconstructions. Still dealing with the impacts of the Covid 19 Pandemic, the instability that hunger has been causing in the Brazilian population, subjected to the protagonism of technologies in everyday life, the formulation of Lévi-Strauss, also sung by Caetano Veloso, “Aqui tudo parece/ que era ainda construção /e já é ruína” (“Here everything seems / that was still construction / and it is already a ruin”) was a welcoming beginning to reflect on the fractures of the modernizing project that characterizes Brazil in particular, and to ask ourselves to what extent it is possible to rebuild something on bases that were never cohesively built. In this scenario, how can we celebrate the centenary of the Modern Art Week and its desire for a nation, and also review and revise the importance of a re-reading of the 200th anniversary of Brazil’s Independence or the 300th anniversary of Minas Gerais?

It is known that there are many gestures and movements involved in the reconstructions. Right from the start, it is important to emphasize the place of the prefix *re*, whose etymology in Latin, *restituere*, already denotes the idea of a repeated action, of repair and restoration. But what is the term, which literally means to build again, able to bring to mind nowadays? This present issue of the UFMG Journal aims to explore, expand, constitute, modify the idea of restart and resumption, and invite, in a transdisciplinary way, that different areas of knowledge operationalize the potential of this transitive verb that calls into question not only the importance of the object, but also the relationship between objects, that is, how to reconstruct.

Another potent reflective field for understanding the term reconstruction is found in translation: the passage from one language to another means the knowledge of a broad linguistic and cultural memory, but also the ability to renew a sentence assuming the responsibility – and the risk – of the rewording in the target language. Translation is always an act of ethics, in this case linguistics, just as reconstruction is also, always, an act of temporal ethics with imbricated times.

Thus, reconstruction is an opportunity for innovation. The same meaning can be produced in different ways, through a diversity of combinations of the constitutive elements, but which guarantees – this is the challenge – the production and protection of the same meaning. Reconstruction always presupposes an ethical position in relation to time and must be thought of from the double movement of deconstruction and reconstruction of the object that the praxis of translation exemplifies. A powerful metaphor that can be extended to all areas of knowledge that at this stage are committed to rebuilding a life that has been torn apart, lives that are hurt.

In the opening of this issue, we make available the work of the artist Pedro Motta, who kindly provided a multiple and dense collection of his most recent shows. It is a work that dialogues intensely with the reflections gathered here and is capable of thinking about Minas and the World. It asks, among many other questions, how geoeconomics and technoscience have dilapidated natural landscapes, and the place of culture (and of us, the living) within this overwhelming process.

After reading these images, we went on to read the texts, divided into four blocks: restarts; retakes; retranslations and repairs.

The first essay, “**Reconversão de paisagens minerárias**” (“Reconversion of mining landscapes”) reflects on mining production in the state of Minas Gerais and takes as a kind of example the post-industrial scenario in the region of the Mining Basin of Nord-Pas de Calais, which built its economy and production from its space, founded on the pillar of mono-activity based on the mining industry, and how the French government was forced to build tools for cultural reconquest to stir up people’s spirits and pave their way in the search for the redevelopment of this region, as well as the improvement of the quality of life for these people.

Comparatively, it recovers how the population of Minas Gerais was devastated by two major environmental tragedies in a period of four years: the breach of the Fundão dam in Mariana, followed by the breach of the Córrego do Feijão mine in Brumadinho, that were one of the biggest Brazilian and world environmental disasters. It demonstrates how urgent it is for mining companies, the government, states, municipalities and Brazilian society to rethink and readjust mining in sustainable and excellent ways.

The following article, entitled “**Cronicidade dos processos de reconstrução e recuperação em desastres: as histórias que nem todos avós poderão contar**” (Chronicity of

the reconstruction and disaster recovery processes: the stories that not all grandparents will be able to tell), aims to analyze the specificities of the elderly in the reconstruction and disaster recovery processes. Stories about reconstruction and disaster recovery can be filled by the narratives from the mainstream media, by the oral history of survivors who sometimes also create mechanisms to record their testimonies in writing when their drama is no longer used as a commodity in the mainstream media.

It concludes by pointing out how in-depth and interdisciplinary studies on the impact and recovery in disasters help to form a broader view of inter-institutional intersections and to know that they can be of great value to increase social resilience and offer better response conditions in the phases of repair and reconstruction in disaster contexts

“Declaração da Conferência de Estocolmo sobre Meio Ambiente Humano, meio século depois: entre o sonho e a realidade” (The Stockholm Declaration Conference on the Human Environment, half a century later: between dream and reality) proposes to examine the principles of the Declaration in the light of the Brazilian reality and more specifically of the Amazon, an emblematic region of the global effort to make progress regarding the preservation of biodiversity and ecosystems. The Stockholm Declaration not only represents a milestone in the process of protecting biodiversity and ecosystems, but also in the management of natural resources and in the jurisprudence that deals with environmental issues.

It is argued that the current environmental and social problems faced by humanity are enormous, and perhaps even greater are the challenges faced by a not too distant future, mainly imposed by pollution, exaggerated consumerism, exhaustion of natural resources, population increase and concentration of wealth. However, one must also consider the immense human capacity to create, recreate, transform and take new directions. Thus, it is necessary to keep the courage and hope, reinvigorate spirits and move forward with optimism. In this context, it is worth remembering the lesson of Edward Wilson, a renowned conservation biologist, creator of the term biodiversity and who died in late 2021, aged 92: - Since we depend on an abundance of functioning ecosystems to purify our water, enrich our soil and manufacture the very air we breathe, biodiversity is clearly not a heritage to be carelessly discarded.

The second block opens with the theoretical essay by the Portuguese essayist Silvana Rodrigues Lopes. **Confiança, destinação e ausência de destino** (Trust, destiny, and absence of destiny) problematizes how the issue of reconstruction is confronted, simultaneously, with the techno-scientific power as overwhelming of the emergence of ethical and poetic potentialities and with the pretensions of absolute sovereignty, from whose fight against uncertainty arises social practices and identity politics equally focused on control and exclusion.

When it is said that it is necessary to rebuild, it is understood that something, natural, manufactured or spiritual, has been destroyed and that, given its value, it must be rebuilt.

However, the problem of reconstruction, renovation or restitution is outside techno-scientific competencies; however, it is related to these, to the problems arising from the harm caused by their uses, insisting on reflection on hypotheses that contradict the tendency towards their absolute domination of sociality and nature. Having meaning, essential to the joy of the world, is affirmed in the movement of addressing the other who places themselves beyond their finitude in the care they provide and receive, in the ethical affirmation of the humanity of mankind. Indefinable, this humanity is not compatible with a condemnation of being-toward-death, because availability for others, for those who are loved and helped, with whom one learns and who is taught, leaves marks that are beyond life time. Because there is meaning, each one is another, becoming infinite, unidentifiable, an eternal repetition of the difference in the word “here I am” which, with Lévinas, is understood to be the opening of significance, of the ethical gesture. The latter’s bet is not on a foreseeable future or on a final salvation, it is rather that of safeguarding the unfinished, as an abandonment of the subject’s position and restitution to the drama in which fidelity to others and to what comes from them insists through what is altered - expression of gratitude and sharing

Approaching literature, art and music, the work “**Destino mineral — a montanha e sua ausência em Drummond, Manfredo Souzanetto e Villa-Lobos**” (Mineral destiny — the mountain and its absence in Drummond, Manfredo Souzanetto and Villa-Lobos) proposes to observe how the mountain (as a physical or symbolic space), as well as its absence, guides artistic creation and determines the perception of a self in the world. In addition to Drummond, we selected other works that deal with mineral elements — such as Symphony No. 6, by Villa-Lobos and the postcard *O lugar da ausência* (The place of absence), by Souzanetto

In the Romantic period, the role of the mountain in the arts, given that geological entities are also perceived as subjects. In the 20th century, however, in the Anthropocene period — when Drummond, Villa-Lobos and Souza-netto composed — there is the protagonism of human action, which transforms the mountain and makes it what they want (even transforming it into absence). It is undeniable that mining produces nothing, but we ask: in the face of the presence of absence, how to establish a new identity relationship with a pitted and sad space?

In the third block we addressed the issue of migrations and their beginnings (and translations).

Arroz, feijão e macarrão: entrelaçamentos e reconstruções da cultura alimentar de imigrantes italianos em São João del-Rei (Rice, beans and pasta: entanglements and reconstructions of the food culture of Italian immigrants in São João del-Rei) is based on the oral reports of members of six families of Italian immigrants in São João del-Rei, Minas Gerais – Longatti, Giarola, Lovatto, Tortoriello, Lombardi and Spinelli –; we seek to establish relationships between memories, reconstructions, cultural transfers and food. Since Italian immigrants arrived in Brazil, food practices have been the strongest link they have with the culture of their country of origin.

It is known that food is a way of marking identities, affirming belonging, cultivating traditions. Food preparations are passed on through generations – it is about dynamic knowledge and introduced into the new habitat. Faced with the fragmented, almost erased past, revisited by the memory, post-memory and imagination of the research participants, we reflect on the movement of reconstruction and reorganization of the more than 400 families that are part of the list of residents of São João del-Rei. If at first they were located in-between places, “on a third bank”, as Mauro Lovatto (2020) reported, nowadays they are adapted to the culture of the country and the city that received them.

Next, **Acumulações, despossessões e a terra como comum: reconstruções decoloniais para a Terra Brasilis** (Accumulations, dispossessions and the land as common: decolonial reconstructions for Terra Brasilis), approaches the enclosures, dispossessions and land concentration in Brazil. These reconstructions, presented as another way of doing research, start from the recognition of history as a useful tool for understanding social relations and assume the relevance of retelling it from multiple voices and

cultures, opening space for the doing and thinking of historically silenced people. The characteristics that marked primitive accumulation are still present in the relations of coloniality of contemporary capitalism.

The last block brings two works more related to the architectural field. The first, **A Arquitetura e a premente (re) construção do seu ethos técnico-profissional** (Architecture and the pressing (re)construction of its technical-professional ethos) wonders how to think about technique in its classical sense, of producing by knowing and revealing, in a conjuncture in which human knowledge expands and deepens in immeasurable proportions, so that a single individual is humanly incapable of mastering so much or more knowledge than Vitruvius and Alberti wanted. It discusses, among other points, the situation of Architecture as a field of knowledge and its relations with Construction. The hypothesis is that a disciplinary practice of Architecture, which is recognized as something distinct from Construction, has been responsible for its emptying. The theme is discussed in light of the question of technique in Martin Heidegger's thought, for whom technique and knowledge are intrinsically related.

It concludes by raising the hypothesis that there is, however, an opportunity for the construction of a new epistemology based on the formation of a new ethos, not fractured, but integrating: a constructor ethos. Still, such integration carries a sense of collaboration and critical posture in the face of value hierarchies arbitrarily established between the branches of knowledge engaged in the production of architecture. This path seems to go through the search for an epistemological synthesis through production, with the overcoming of the cognitive abysses that separate idea and matter.

The last essay, **Plástica e urbanidade: a metrópole europeia e o princípio da montagem** (Plastics and urbanity: the European metropolis and the principle of montage) analyzes the epistemological relationship between the architecture of the European metropolis, which emerged at the turn of the 19th to the 20th century, and the arts of the same period based on the Benjaminian concept of "montage". This analysis aims to list and relate elements present in the most varied arts with processes that took place in the urbanizations of Paris and Berlin, trying to understand the mutual influence of modern urbanism on the concomitant arts. From this understanding, we intend to outline the changes undergone by the idea of "plastic", in the arts, as a principle of transformation of inert matter into a producer of meaning, that is, as a condition of representation in the visual arts.

It demonstrates how the montage shows us the heterogeneities of time and space, especially visible in the historical thickness of the urban environment, in constant dialogue with itself and with other spaces. Following this path, the metropolis became the experiment that most strongly competes for the spatialization of time. Inspired by such interweaving, the montage was made the quintessential sensitive creature for a modern cradle pantheon. The principle that the art of the first half of the 20th century put to work is the same as that of architecture previously.

We hope, therefore, that the set of theoretical, reflective and artistic articulations gathered here will be able to express, with different propositions, new perspectives on reconstructions, reflecting and elaborating, also, on the possibility of building a time to come.

Sabrina Sedlmayer (UFMG)

Roberto Vecchi (Unibo)

